

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 264
27 de setembro de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Hoje eu queria ler para vocês e comentar dois artigos que eu enviei ao *Diário do Comércio* e que não foram publicados ainda. O leitor que tem acesso a essas idéias propriamente pelos meus artigos não tem idéia da retaguarda e de tudo que tem por trás delas.

Cada artigo aqui é um resumo de uma ou várias aulas que eu poderia ter dado e de algumas que eu chego realmente a dar, de modo que o leitor comum do jornal tem ali apenas uma breve amostra.

Às vezes eu acho mesmo que a incapacidade de desconfiar do que há por trás, da retaguarda que tem por trás daquelas idéias é uma deficiência crônica do leitor brasileiro. Quer dizer, ele não desconfia de que o sujeito que sabe alguma coisa sobre o que ele escreveu, deve saber algo mais a respeito. Quando eles falam no “por trás”, o “por trás” é sempre um “por trás” político-conspiratório, quer dizer, o que está por trás é a CIA, é o MOSSAD etc.

Eles nem imaginam que tem uma cabeça humana por trás e que essa cabeça humana, se pensou aquilo, deve ter pensado outras coisas também. O normal na leitura é você, quase que automaticamente, buscar outras razões para aquilo que você está lendo. Não é nem sequer discutir com o texto. Antes de discutir com ele você tem que discutir a favor dele; tem que ver que outras razões existem para dizer aquilo que está sendo dito, e só quando você tiver esgotado essas razões é que você vai começar a discutir com elas. Se não, você está apenas discutindo com um pedaço de papel e não com uma idéia, uma noção.

Antes de começar a leitura, um parêntesis: o pessoal está achando estranho que, justamente nesta época que se aproxima da eleição, eu estou escrevendo sobre assuntos mais de ordem moral, filosófica e evitando tocar na eleição. Isso porque eu acho que tudo o que havia para dizer sobre esta eleição eu já disse. Eu não tenho mais o que dizer. O diagnóstico está dado e eu acho que ele é absolutamente irrefutável.

Quando você tem uma eleição na qual duas candidatas finalistas pertencem a uma organização estrangeira como o Foro de São Paulo e o terceiro nada diz a respeito, quem quer que seja o vencedor, essa organização já ganhou a eleição. Então, isso não é uma eleição, isso é um golpe de Estado, isso é uma treta. A obrigação número um não só dos candidatos de oposição, com de qualquer eleitor seria oficiar ao Tribunal Eleitoral pedindo a suspensão da eleição e, eventualmente, o fechamento dos partidos envolvidos.

Em uma nota que coloquei hoje no *Facebook*, eu disse assim: se você aceita que um candidato está cometendo um crime e você aceita que ele o cometa, e em vez de levar a questão para o tribunal para tratar a questão na esfera judicial, você acha que é melhor concorrer com ele eleitoralmente, você já perdeu em todos os casos, porque você deu a ele um salvo-conduto. Você está tratando uma ação criminosa como se fosse um simples ato de campanha eleitoral. Você está conferindo a este adversário, a este inimigo, um direito superior às leis. Nesse caso ele já ganhou sempre, porque você já o considerou superior a você mesmo. Você já baixou a cabeça e não tem mais jeito.

Em 2008, aconteceu a mesma coisa aqui nos Estados Unidos com o Barack Obama, quando apareceu aquela nota da Debbie Schlusel mostrando que o homem havia falsificado o alistamento eleitoral, que aqui se chama *selective service*. O alistamento de Obama era absolutamente falsificado, obviamente falsificado. Porém, todo mundo achou melhor dizer “não, não vamos tentar derrubar o sujeito nesta base, vamos concorrer com ele politicamente, democraticamente etc.” Quer dizer: “pode cometer o crime, não tem problema. uma vez que você virou candidato, todos os problemas têm que ser resolvidos na esfera puramente eleitoral.” Isso é um salvo-conduto para delinquir, evidentemente. E, se você deu esse salvo-conduto, então você já colocou o sujeito em uma posição tão imensamente superior que nunca mais você vai poder derrubar. Então, o sujeito não só ganhou a eleição de 2008 como ganhou a de 2012 e como continua cometendo crime atrás de crime, sem que ninguém possa tocar nele. Quer dizer, a oposição se coloca numa posição de impotência, mediante uma primeira decisão errada que em seguida é repetida. No Brasil a mesma coisa. Quando eu comecei a denunciar o negócio do Foro de São Paulo, todo mundo achou melhor encobrir a coisa. “Não, não vamos falar disso, isso aí é baixaria e nós temos é que tratar do assunto na esfera eleitoral. Derrotar o PT com base nas suas idéias e nas suas propostas, etc.” A mesma conversa que os republicanos adotaram aqui e com o mesmo resultado.

Finalmente, essa semana apareceu um imbecil chamado Augusto de Franco, dizendo que é exatamente isso que se deve fazer: “onde já se viu levantar anticomunismo para combater o PT? Nós temos que combater na base da política democrática”. E, em seguida, ele dá uma lição do que é política: “a política, você tem que esquecer o passado, não conjecturar os planos do adversário. Você tem apenas que aproveitar a oportunidade”.

Mas se você não sabe quais são os planos do adversário que oportunidade você vai aproveitar? Quer dizer, é o anti *Sun Tzu*: Não conheça o seu adversário, tape os olhos, não interessa o que ele está planejando. O que interessa é só você aproveitar o espacinho que ele mesmo lhe deu.

Bom, isso aí é a estratégia do suicídio, evidentemente. O simples fato de haver uma pessoa — e esse Augusto de Franco não era um sujeito burro, não sei o que que aconteceu com ele, não sei se tomou alguma coisa, fumou alguma marijuana ou outro negócio, mas, evidentemente, endoidou — que ainda pensa assim, mostra aquele negócio que eu mesmo coloquei no *Facebook*: quanto mais medo você tem, mais medo você tem de reconhecer que está com medo. Quando o medo é pequeno, você reconhece. O medo passou do limite, você inventa que é outra coisa. É o “senta que o leão é manso”. Então, eu já disse tudo isso, não há mais o que fazer. Não há mais o que explicar. Não posso ter idéias novas para explicar uma coisa que é velha, que já vem se repetindo há tanto tempo e que já se tornou tediosa. Agora, o que haveria a fazer é passar alguém para o campo da ação, mas não eu que estou a essa distância.

Você veja que até quando tem algum problema para resolver, imposto de renda etc.; qualquer problema burocrático do Brasil é um osso para arrumar um advogado para tratar da coisa.

Imagina para fazer uma coisa dessas. Mas não faltam pessoas interessadas aí que tem a obrigação de fazer. Então, como eu disse, a eleição aí pode ter três resultados: primeiro, Dilma presidente, o Foro de São Paulo venceu; Marina presidente, o Foro de São Paulo venceu; Terceiro, Aécio presidente, o Foro de São Paulo não perdeu, porque não foi atacado em nenhum momento, o homem não disse nenhuma contra ele. É claro que é a opção menos ruim votar no Aécio Neves, mas, eu digo, é uma opção quase obrigatória, porém, inútil. É o tipo de um protesto simbólico. Então, nessa situação nem vale mais a pena comentar o negócio. Seria um desperdício de inteligência. Muitos jornalistas fazem da sua coluna uma tribuna, onde eles repetem as mesmas coisas. Você sempre sabe o que elas vão escrever, não tem nenhum trabalho de inteligência, somente propaganda. Eu não vou fazer isso. Às vezes as pessoas me cobram: “não, você tem que tomar partido disso, tomar partido daquilo...”. Tomar partido, qualquer imbecil toma. Eu não estou aqui para tomar partido, eu estou aqui para tentar analisar as coisas e entender, mas quando elas já estão entendidas e só resta tomar partido, então eu não tenho mais nada o que falar.

Bom, eu vou ler aqui esse primeiro artigo. Chama “Meditação e Consciência” no qual vocês reconhecerão ecos de muitas coisas que eu estive dando em outras aulas e eu vou comentar aqui também para tentar levantar um pouco os temas que estão por trás disso.

“Um dos aspectos mais tristes da vida brasileira para este comentarista é a escassez ou completa ausência de atividade espiritual, naquilo que se escreve e se publica, seja em livros, na mídia ou mesmo em blogs.”

Isso já é uma deficiência constante da nossa cultura superior: 90% dela é sobre problemas sociais, draminhas domésticos; dificilmente você vê uma questão que tenha um alcance espiritual e que, portanto, tenha importância para o restante da humanidade. Você vê um pouco disso no Machado de Assis. É evidente que ele coloca ali situações e problemas que no [0:10] mínimo aparecem na filosofia de Schopenhauer, que teve muita influência sobre ele. São temas schopenhauerianos que, portanto, interessam a qualquer leitor do mundo.

Você vê um pouco disso também, mais tarde, ali no José Geraldo Vieira, muito por alto. E, de vez em quando, você tem um lance de gênio, como, por exemplo, naquele capítulo de *Vidas Secas* onde tem a morte da cachorra, onde tem um símbolo do sofrimento universal, que é uma coisa de uma força extraordinária. Otto Maria Carpeaux, interpretando aquilo, falou: “bom, isso aqui, eu tenho que interpretar à luz do hinduísmo, não tem outra coisa”. Então, neste momento o Graciliano alcança ali uma dimensão espiritual que outros não haviam alcançado. Talvez estivesse até além das intenções dele.

De vez em quando você no Guimarães Rosa umas especulações de tipo esotérico-teosófico e que, para mim, são absolutamente ridículas. O homem era um leitor de madame Blavatsky, levava a sério; mas pelo menos está arranhando alguns temas de ordem espiritual.

Você tem também temas de ordem não espiritual, mas religiosa; por exemplo, no Otávio de Faria. Mas é claro que do que se chama no Brasil “religião” quase nada tem uma dimensão espiritual. No máximo tem uma dimensão moral e social e não vai passar daí. Quer dizer, quando começa, por exemplo, no *Mundos Mortos* (obra de Otávio de Faria) aquele problema do garoto que está viciado em masturbação, você já sabe o que vai dar o resto: o garoto que está viciado em masturbação, ele vai lá, confessa e volta pro banheiro.

Ah, mas esse é um tema de uma profundidade extraordinária. O que não quer dizer que o romance seja ruim. É bom, mas ele está na superfície das coisas. Não chega a tocar problemas de alcance universal.

Esse já é um problema crônico da cultura brasileira ao longo do tempo. Poderia ser uma cultura muito rica, mas é superficial. Naquele mesmo sentido em que, até na dimensão religiosa, como disse o Papa João Paulo II: “os brasileiros são cristãos no sentimento, mas não na fé.”

Quer dizer, “na fé” já é um ato de vontade, que supõe algum alcance espiritual. Fora disso, não. Você tem apenas reações epidérmicas que se aproximam vagamente de uma moral cristã. Agora vou dizer qual é a diferença.

“Por atividade espiritual entendo a meditação solitária em que a consciência toma posse de si mesma como autocriação e liberdade que luta para realizar-se no mundo espaço-temporal e aí encontra, ao mesmo tempo, seus obstáculos e seus instrumentos.”

Ora, esta é a atividade mais própria do ser humano. É isso que realmente o diferencia dos animais; quer dizer, ele ser capaz de escolher até certo ponto o seu próprio destino e lutar contra obstáculos que vêm não só do mundo externo, mas da sua própria constituição biológica, hereditária, social etc. Quer dizer, aquele negócio do Apóstolo: “eu não faço o bem que eu quero, eu faço o mal que não quero”. Eu sei quem eu quero ser, mas acabo sendo uma coisa completamente diferente. É nesta luta, entre o que você pode ser e aquilo que você está sendo, que você toma consciência de si, porque você não é nem o que você quer ser e nem o que você está sendo. Você é este processo criador. Aí chega uma hora em que você percebe isso e fala: “bom, mas o importante não é eu chegar a realizar tal ou qual coisa que eu desejaria ser, mas é importante eu tomar consciência de mim como força criadora de meu destino”. Criadora não em 100%, evidentemente, mas uma força criadora de um destino condicionado, um destino que vem limitado por certas condições que você não escolheu; mas dentro de todas aquelas limitações e obstáculos é ali que você vai encontrando e criando o seu caminho. Um caminho que só existe porque você o cria. Se você parar de pensar nisso, acabou. Se você desistir de tentar ser alguma coisa que você quer ser, acabou o processo. Então você se torna somente aquilo que os fatores externos, hereditários, sociais, históricos determinaram. Determinaram que você ia ser tal e qual coisa e que você já está sendo, é o que você já conseguiu ser e acabou o processo.

Então esta luta para você se transcender, ser algo que você escolheu em função de valores que você, de algum modo, assimilou ou da religião ou da cultura ou de exemplos vivos etc., é nesta luta que você se torna alguma coisa. Existe a figura presente do que você já é, que até certo ponto é descritiva, e existe a imagem do que você quer ser. Uma é apenas um resultado, mais ou menos accidental de uma confluência de fatores que você não domina e a outra é apenas uma imagem que você tem na cabeça. Então, quem é você mesmo, efetivamente? Você é aquele que está lutando e está se formando, se criando de algum modo. Não é uma criação total, uma criação divina. É uma criação muito limitada, mas é uma criação efetiva, porque ali entram, vamos dizer, muitos fatores que só existem porque você decidiu que iriam existir. Por exemplo, se você decide melhorar um certo ponto ou mesmo adquirir uma habilidade comum, essa habilidade só existe porque você quer. Se você desistir, por exemplo: “ah, quero aprender a desenhar; ah, tá difícil, não quero mais.” Cessou de existir no mesmo instante. Então, estes fatores que só existem porque você quer, são aqueles que mais singularizam, mais definem o que você realmente é, pouco importando qual será a forma final do resultado. Mesmo porque esse processo não termina, não existe um ponto em que você pode dizer: “ah, agora eu já sou tudo o que eu queria ser, não preciso acrescentar mais nada.” Não tem, não existe isso. Até o último dia você vai estar tentando alguma coisa ou você já terá desistido. Então, o processo existe porque você quer e ele existe enquanto você quer e isso é o que você é propriamente. Isto que você é, é uma coisa que não tem forma nem figura. Não é uma figura, não é um

desenho, não é uma estrutura. Ele é uma força, uma coisa invisível e que se cria a si mesmo. Isso é o que você realmente é. Então, só pode existir atividade espiritual a partir do momento em que o indivíduo tomou consciência de que ele é isto: ele tomou consciência da sua capacidade limitada, porém real, de criar-se. Então, a partir deste momento, ele assumiu responsabilidade pela sua existência e, a partir deste instante, ele tem de levar em conta todos os fatores opositivos, antagônicos, que estão não só no meio ambiente, mas dentro dele mesmo. Por exemplo, maus hábitos, tendências hereditárias, forças inconscientes, principalmente tendências inconscientes que estão lá, que são suas, de algum modo, mas que você nem assume como suas porque lhe parecem estranhas e antagônicas. Eu digo, mas onde elas estão? Estão no vizinho? Não, estão em você mesmo. Esses dias eu estava discutindo na internet e disse que muitas pessoas que tentam ser cristãs pegam uma receita de comportamento dita cristã e tentam seguir aquilo. Mas você já parou para examinar quanto de ódio a Deus existe no fundo da sua mente, e que foi colocado lá pela cultura, pela atmosfera? As pessoas culpam Deus de tudo quanto acontece. Você não faz isso? Todo mundo faz. De onde veio isso, e como se livrar disso? E, mais ainda, quando você está lá, rezando, orando, pedindo a Deus perdão pelos seus pecados, quantas vezes não tem, ao mesmo tempo, um mecanismo inverso, que está em ação naquele mesmo momento, neutralizando a prece que você está fazendo?

Então, tudo isso aí são coisas que você tem que examinar. Não é só questão de, como Jesus diz, “bom, não adianta rezar só com a boca, tem que rezar com o coração”. Mas o que é o coração? É o centro do ser humano. O coração simboliza o centro criador do ser humano. Então, desde onde você tem de rezar? Você tem de rezar desde esse centro criador que toma as decisões e que administra e unifica o conjunto das tendências internas e externas que te compõe. Seria aquilo que o Leopold Szondi chamou de *Ego Pontifex*, o “Construtor de Pontes”. Quer dizer, existem várias tendências antagônicas dentro de você mesmo, e você é que faz a ponte entre várias delas, escolhendo qual que vai ser mais manifestada, qual destruída, qual trabalhada e assim por diante. É toda uma obra de engenharia de fato. [0:20] Então, este *Ego Pontifex* é o seu centro. E isto é o que você é realmente. Os seus traços de “personalidade” são apenas figuras estabilizadas durante algum tempo. Elas vão e vêm, se fazem e desfazem, mas este centro continua em atividade. Só que continua em atividade enquanto você quer. A hora que parar esta atividade você se transforma realmente naquela figura estática e repetitiva onde a dialética da sua existência já não é mais humana, mas simplesmente animal. É apenas a repetição das reações consolidadas e aprendidas. Você cai para um nível animal de conduta a partir do momento em que você desistiu de criar-se; este centro desde o qual você cria é o coração, e Jesus disse que só funciona a prece que vem do coração. Então “do coração” quer dizer com plena consciência de toda a situação em torno e dos todos os elementos opositivos que existem dentro de você. Muito bem, mas em vez de você tentar ser bonzinho, de dizer que não vai mais fazer isso e aquilo, tente primeiro isso: remover o ódio a Deus. Não estou nem falando de amar a Deus, mas remover o ódio, neutralizá-lo, apagá-lo, desligá-lo; esmagá-lo de algum modo para que ele nunca mais apareça. Qual é o primeiro mandamento? Amar a Deus sobre todas as coisas. De que que adianta ser bonzinho se você nem se preocupou em amar a Deus? Amar a Deus em primeiro lugar é remover o ódio que você tem a ele. Remover a preguiça que você pode ter de pensar nele, e assim por diante.

Todos esses fatores existem. Existe uma resistência do ser humano em ele se identificar com esse centro criador que não tem forma nem figura e se apegar a alguma figura. Ele acredita que é assim, é assado etc.: figuras, geralmente aquelas que você projeta sobre os outros ou até sobre você mesmo na imagem do espírito, e você se apega a ela e acredita que é aquilo, quando na verdade você não é, você é o centro criador, o coração, o *Ego Pontifex*. Nesse sentido, não adianta nem ser religioso, porque se a pessoa não tem isso aqui ela não tem nada.

Está apenas na esfera da repetição, do reflexo condicionado etc. Sobretudo, ela vai estar na esfera do medo. É o medo e o prazer, ela foge do medo e busca o prazer. Está ali que nem um bichinho, evidentemente.

Aluno: Você falou que quando a pessoa não tem o centro, a diferença entre os pecados e as virtudes é muito mínima.

Olavo: Ah sim, isso é importante. Se você não está instalado desde esse centro, você não tem uma efetiva responsabilidade sobre o que você está fazendo. Então, a esta altura, a diferença entre as suas virtudes e os seus pecados é mínima. Às vezes aquilo que você considera um pecado é uma virtude e vice-versa. A pessoa não tem de fato uma orientação moral alguma. A orientação moral foi feita para seres livres e responsáveis, portanto, para pessoas que estão falando desde o coração e desde o “eu”. Não do que está falando desde o dedão do pé, desde a orelha, desde um retrato da parede.

Hoje mesmo eu estava lendo um livro de um autor italiano chamado Maurizio Blondet, onde ele diz: “Deus não enviou o Evangelho para chimpanzés biologicamente otimizados”. Enquanto você é um chimpanzé biologicamente otimizado, as suas virtudes e os seus pecados são absolutamente indiferentes. É tudo a mesma coisa, tá tudo misturado. Você tá vivendo na síntese confusa. Até você procurar e falar “deixa eu ver quais são os pecados que eu fiz.” Bom, você só vai poder ter a concepção do pecado por uma listinha de condutas exteriores, mas o simples fato de você reduzir o pecado a essa listinha de condutas exteriores já é um pecado, você está rebaixando tudo aquilo. Eu acho que essas preocupações religiosas de uma pessoa assim são um beco sem saída, um delírio infernal, de que está cheio de diabo para tudo quanto é lado, tudo te perseguindo: se você faz alguma coisa, tá errado; se faz outra, também tá errado. Você vai sair mau em todas. Quer dizer, você criou este circo demoníaco, se colocou dentro dele e chamou-o de religião. Eu não recomendo que ninguém faça isso. Eu acho, realmente, que religião é para quem tem já um ego fortemente constituído e, portanto, um senso de responsabilidade interior muito desenvolvido. Aí sim, a religião te dá o guiamento, a trilha, mas, essa trilha não serve para quem tá agindo pelo reflexo condicionado. Não serve para o macaco biologicamente modificado, só serve para seres humanos. Eu vou até repetir isso aqui:

“Por atividade espiritual, eu entendo a meditação solitária em que a consciência toma posse de si mesma como autocriação e liberdade que luta para realizar no mundo espaço-temporal e aí encontra ao mesmo tempo seus obstáculos e seus instrumentos.”

Repito, isto é a atividade humana por excelência. Isto é a consciência moral. Não há outra a não ser essa.

“É só apreendendo assim a medida e a proporção entre aquilo que podemos ser e aquilo em que vamos nos tornando, que chegamos a nos conhecer como natureza inseparavelmente criada e criadora.”

Quer dizer, existe uma parte nossa que é criada, que já está dada, que em parte é criação divina e em parte é uma criação humana e biológica, com todas as tendências hereditárias, os hábitos consolidados, os hábitos linguísticos (que limitam severamente o que você pode compreender ou não), o domínio maior ou menor do idioma: tudo isso está presente. Às vezes você quer pensar a coisa, mas você não consegue porque você não consegue verbalizar. Verbalizar as coisas é uma condição para a cura e libertação psíquica; é uma coisa que já se sabe desde os gregos. Já tinha lá a cura pela palavra naquele tempo e, até hoje, eu vejo pessoas, por exemplo, lutando com idéias enormemente complicadas sem ter o domínio do

idioma. Isto aí são penas de amor perdidas, você nunca vai conseguir. Se você não consegue dizer o que você está vendo, como é que você vai lidar e pensar com isso? Por conta dessa carência, o que você vai acabar fazendo é pegar esquemas lingüísticos já aprendidos e repeti-los de algum modo: você vai cair no chavão — que nada mais é do que expressões prontas que não significam absolutamente nada e que foram feitas para despertar no ser humano uma reação emotiva em função da presença daquela palavra, e não da coisa a referir. Eu vejo, por exemplo, que inumeráveis termos que eu coloco em circulação com todo o seu significado, com toda a dialética por trás etc., são transformados imediatamente em chavões e usados como insultos. Por exemplo, a palavra “psicopata”: qualquer um chama qualquer um de psicopata porque a palavra “psicopata” traz uma carga negativa; mas o fato é o seguinte: existe uma psicopatia real por trás? Se você usa a palavra para designar um estado perfeitamente descrito e identificável é uma coisa, mas se você usa como um insulto, então você está apenas impressionando a pessoa com palavras.

Outro exemplo: “analfabeto funcional”. As pessoas estão chamando uns aos outros de analfabeto funcional a três por quatro. Elas fazendo isso estão provando que elas são analfabetas funcionais, porque o analfabeto funcional é justamente o sujeito que não consegue imaginar a realidade que está por trás do que ele lê. Ele reage imediatamente à palavra. É o uso analfabético-funcional do termo “analfabeto funcional”. E outros, centenas de termos que eu coloquei em circulação e que não foram escritos para estas pessoas. Foram escritos para estudantes que querem saber mesmo do que eu estou falando, mas eu não posso proibir que os outros leiam e que façam o uso de que bem entendam das palavras que absorveram ali. O Martin Amis dizia que a literatura é a luta contra o clichê; é a luta permanente; a luta de vida e morte entre o escritor e o clichê. A hora que virou um clichê você tem que mudar a linguagem porque aquilo já não tá funcionando mais. No entanto, nos debates públicos só o que aparece são clichês. Tentativa de carimbar pessoas, positiva ou negativamente mediante clichês. [0:30] Notem bem, a característica do clichê é provocar imediatamente uma emoção positiva ou negativa independentemente da referência a qualquer entidade do mundo real. Quando você fala, por exemplo, em direitos humanos, ou violência doméstica, ou guerra contra as mulheres etc., qual é o fenômeno a que está efetivamente se referindo? E no caso de que está falando, existe a presença efetiva deste fenômeno? Sim ou não? Em geral, as pessoas não chegam a esse ponto porque o efeito imediato da palavra já funcionou. Que isso seja assim na propaganda política, ou até no jornalismo, não tem grande problema. Mas na hora em que você vê que não tem nesse país um acadêmico que abra a boca e não seja para fazer exatamente isso, é porque a coisa está malparada mesmo.

Outra coisa: até os anos 60 todo escritor sabia que a literatura é a luta contra o clichê. Tanto que eles tinham horror a usar palavras que estavam gastas por esse mau uso. Era uma preocupação fundamental do escritor: “Isto aqui está soando errado, não é isso”. Todo escritor tinha isso.

Às vezes as pessoas até dizem: “Esse Olavo usa de termos chulos”. Eu até botei uma nota falando que um escritor de verdade preferiria morrer ou parar de escrever antes de escrever a palavra “chulo” porque as pessoas não sabem nem de onde vem isso aí. Estão usando a palavra porque acham que chulo é uma coisa feia. Mas você sabia que chulo está associado ao chulé? Pois é, não sabia. Eu li no dicionário. É uma palavra idiota que se torna ainda mais idiota porque as pessoas usam achando que usar isto é mais elegante que dizer a palavra “palavrão”. Esse aí é um macaco escrevendo, evidentemente. A linguagem dos animais é toda de lugares comuns. Macacos não inovam a linguagem, ursos não inovam a linguagem. Estão usando os mesmos sinais desde que vieram ao mundo. Se um aprender uma coisa de novo, ele está lascado porque ninguém vai entender o que ele está fazendo, e vão expulsá-lo da tribo. O

ser humano tem essa capacidade de enriquecer a linguagem na busca por esta consciência de si mesmo como força criadora. Exercer essa atividade é a obrigação mínima do ser humano. Quem não começou ainda tem que começar já.

“É só assim que chegamos a nos conhecer como natureza inseparavelmente criada e criadora, no sentido de Scot Erígena (...)”

Naquela famosa divisão de Scot Erígena, das quatro naturezas: (a) que é incriada e não cria; (b) que é incriada e cria; (c) que é criada e não cria; (d) que é criada e cria, que é exatamente o ser humano.

“(...) indescritível portanto como figura e imagem e só apreensível como força e conflito até o momento em que a morte, como nos ensina o soneto de Mallarmé, nos fixa para sempre no formato imutável de um destino realizado e esgotado.”

Aí fechou a figura, porque a força criadora acabou e você não vai se modificar mais. O que você fez está feito, o que não fez não está feito.

“Só quem se dedica incessantemente a essa atividade pode pronunciar a palavra "eu" com algum conhecimento de causa, ou até com algum direito legítimo.”

Porque “eu” é isso. Quem é eu? O “eu”, evidentemente, não pode ser seus hábitos, pois os hábitos podem mudar. O “eu” não é o seu corpo porque o seu corpo está mudando continuamente. O “eu” não é as suas emoções porque as emoções vão e vêm. Tem que haver algum centro que articule tudo isso, e esse centro é o centro criador, que por si mesmo não tem forma nem figura. Ele é o *ego pontifex*, é o administrador geral das várias tendências, capacidades e incapacidades. Tanto que hoje, quando esse pessoal estuda sobre inteligência emocional, faz lá uma lista de setenta tipos de inteligência. E quem pilota tudo isso? Não tem; não tem um “eu”. Mas o decisivo na inteligência não é você ter mais inteligência verbal, ou mais inteligência espacial, ou mais inteligência emocional; o decisivo é você ter esse centro, que administra o conjunto e usa essas várias habilidades no sentido que você escolheu. Essa é a única e verdadeira inteligência que existe. O resto são apenas recursos que você tem, mas que você pode esquecer de usá-los, ou pode usá-los de maneira imbecil.

“Os demais, quando a dizem, nada mais designam do que a figura totalmente fictícia que desejariam, para fins de vantagem prática ou alívio de complexos, projetar na tela da mente alheia ou na da sua própria.”

Quando você fala “eu” está querendo dizer uma figura, e quer que o outro acredite que você é assim. Mas isso é o que você quer naquele momento; em outro momento pode querer outra coisa. Então quer que o outro acredite que você é dessa forma, e quer acreditar que você mesmo é assim. É uma figura temporária que você criou, e que você chama de “eu”. Mas isso não é o “eu”. É um “sub-eu”, é um personagem. Gurdjieff chamava isso de “euzinhos”, estar cheio de “euzinhos”. Mas onde está o “eu” que manda em tudo isso? Não tem.

“Se o não-meditante só se apreende a si próprio na sucessão de camuflagens que ele denomina erroneamente "eu", por trás das quais nada existe senão um vago sentimento de culpa e de angústia empenhado perpetuamente em negar-se, é óbvio que aquele que vive nessa condição não pode nem comunicar-se verdadeiramente com os seus semelhantes, apenas usá-los como personagens num teatro interior que eles desconhecem, nem pode, por outro lado, conhecer Deus, seja para negá-Lo ou afirmá-

Lo, senão como uma gigantesca figura de ficção sempre disponível para reforçar, aliviar ou encobrir a culpa e a angústia.”

Por que eu digo que por trás dessas figuras existe um vago sentimento de culpa e de angústia? É porque o sujeito sabe que não é nada daquilo que está tentando demonstrar. Você pode ver, às vezes, as pessoas tentando demonstrar qualidades que elas não têm, e depois, na solidão, elas se acusam não só de não ter essas qualidades, como de ser muito pior que aquilo. Mas as duas coisas são mentira. Você tenta parecer o gostosão, e na solidão diz que é um coitado, que não é nada. Às vezes não é só na solidão, às vezes a pessoa tem um acesso emocional de auto-condenação, esse arrependimento histriônico que as pessoas sempre têm. Tudo isso mostra que o desajuste, a incapacidade de ser quem você realmente é, ou seja, ser o eu criador, coloca você em conflito direto com a natureza humana. Então você está errado sempre, não importa o que faça. E vai estar sempre com esse discurso de auto-engrandecimento e auto-aviltamento, esse discurso de acusação e defesa que não pára nunca, pelo simples fato de que você não está sendo a única coisa que você pode ser.

Nós não podemos ser nenhuma dessas figuras que nós inventamos, porque elas são apenas invenções da nossa mente. De onde vem a palavra mentira? Vem de mente. Mentira é aquilo que existe só na mente. Você inventou essa figura, e pelo simples fato que você a inventou, você não pode ser aquilo. Nem para o bem, nem para o mal. Só pode ser o inventor daquilo; você é a força criadora que está continuamente inventando essas figuras e tentando ser de uma forma ou outra, mudando continuamente, aprendendo continuamente, absorvendo continuamente novas possibilidades, perdendo algumas. Esse é você. Você é isso, e todos os outros são isso. Você vê apenas a forma do corpo; mas você não sabe que, quando se relaciona com uma pessoa, não está se relacionando só com um corpo, mas com uma vontade criadora? Você sabe que as pessoas são sujeitos agentes, que elas são forças criadoras, e as trata como tal. Tanto que quando chega à conclusão de que fulano é assim, fulano é assado, você sabe que está falando de uma coisa relativa que pode mudar amanhã ou depois, sem que a pessoa deixe de ser ela mesma. Se fulano é viciado, ele é eternamente viciado? Pode ser que não. Ele pode mudar, ou pode adquirir um vício pior. Nós sabemos que as pessoas mudam, e sabemos que por trás da presença corporal e até da sua conduta existe um “eu” consciente. É com esse que você está tratando. Mas se você não está tratando as pessoas desde o seu próprio centro criador e consciente, mas desde uma figura lateral que você criou, então sua relação com elas [0:40] já está diminuída e falsificada. Você não vai entender a pessoa jamais, e tudo o que falar vai passar ao lado dela, nunca vai acertar no coração.

Por outro lado, o que pode entender de Deus um sujeito que está nessa condição? Deus para ele vai ser também uma figura. Não precisa necessariamente ser um velhinho de barbas brancas; pode ser qualquer outra coisa, mas é uma figura. É um personagem de seu teatro interior, e não o criador de todas as coisas, que não tem forma nem figura, porque ele é o pai de todas as formas e figuras. Ou seja, você está se relacionando com um símbolo, ou uma imagem de Deus, que não foi Ele quem criou, porque Ele criou uma imagem e ela é você. Mas você cria uma segunda imagem e cultua a essa, teme a essa, reza para essa; mas essa é um ídolo, porque foi você mesmo que inventou. Quando Deus quis marcar Sua presença física neste mundo, o que Ele mandou? Um elefante? Um tomate? Uma montanha? Um camelo? Não, Ele mandou um ser humano, e disse: “Este sou Eu”. E o que era Jesus Cristo? Uma figura física? Não pode ser, porque Jesus Cristo nasceu pequenininho, depois ficou grande; Ele não tinha barba, depois adquiriu barba; falava como criança, agora fala como gente grande. Fisicamente Ele é inapreensível, por assim dizer. O que era, então? Era o que vem do Sagrado Coração de Jesus, o centro do centro do centro do centro. O centro criador de onde foram criados inumeráveis seres criadores que são os seres humanos.

“Pela consciência clara da nossa criatividade parcial e limitada entendemos que a existência de bilhões de outras pequenas forças criadoras em torno de nós manifesta uma criatividade infinita (...)”

O que Deus faz? Deus cria forças criadoras; Ele não cria só coisas, Ele nos cria. E o que somos nós? Nós somos esta possibilidade de nos criarmos a nós mesmos. Nós somos esta possibilidade de exercermos a nossa liberdade. Ninguém é livre a contragosto. A liberdade humana existe a partir do momento em que você a exerce. Parou de exercer, ela parou de existir. Continua existindo potencialmente, é uma possibilidade que você sempre tem, para retornar a ela.

“(...) e assim chegamos a ter um vislumbre de Deus como Ato Puro, sem forma nem figura porque criador incessante de todas as formas e figuras. Foi esse Deus que disse de Si mesmo: ‘Eu sou o Eu-Sou’.”

Portanto, ter um “eu” criador é próprio de Deus. Você pode dizer que os animais não têm um “eu”. Eles têm sentimento, emoções. Nós vivemos em uma época tão imbecil que os caras descobrem que os animais têm emoções: parece aquele negócio do português: “Você sabe onde fica o convento dos carmelos?” “Ó raios, e quem é que não sabe?”. Ó raios, e quem é que não sabe que os animais têm emoções, que os animais sofrem etc. Eles têm tudo isso, o que eles não têm é um “eu”. Não têm a opção de tentar ser outra coisa a não ser aquilo que já são. A diferença entre eles e o ser humano é o “eu”. Como o desgraçado do biólogo, do zoólogo, que estudou isso também não tem “eu” nenhum — é apenas um macaco melhorado, um macaco otimizado — o que ele entende por humano é “ter emoções”, e se o bicho tem emoções então ele é próximo do ser humano. Mas para mim me parece o contrário: nós temos emoções, o que nos torna iguaizinhos aos animais. Você não tem medo? Tem. Você não tem prazer? Tem. Você não tem preguiça? Tem. Todas as emoções, os animais também as têm. Esta idealização da emoção como se fosse um caráter distintivo do ser humano, que enobrece os animais na hora que você descobre que eles a têm, é de fato a coisa mais animal do ser humano.

Deus se definiu: “Eu sou o Eu-Sou”. Olha que coisa importante é isso. Ele é um “eu”, não existe alteridade em Deus. Não existem elementos externos. Deus não tem uma hereditariedade biológica que O limite de algum jeito. Ele não tem um ambiente social e histórico que O limite. Ele não tem deficiência de aprendizado que O limite. Ele é inteiramente “Eu”. Ele só faz o que Ele quer. Ele é inteiramente criador, e por causa disso Ele conseguiu criar não apenas seres e coisas, bichos e pedras etc., mas conseguiu criar forças criadoras, que somos nós.

“Só Ele tem propriamente um “Eu”, porque o Eu é fonte criadora sem figura nem forma, cujo análogo o ser humano só se torna, e mesmo assim parcialmente, mediante o ato de liberdade que aceita e assume ser a imagem e semelhança de Deus.”

O que é ser a imagem e semelhança de Deus? É ser um “eu” criador. Isso porque Deus é o “Eu-Sou”. Ele só é o “Eu-Sou”; Ele não tem nada de estranho, nada de outro nele. Não existe outro perante Deus. Então Ele é plenamente Ele mesmo. Julián Marías disse que nós temos uma parte de nosso corpo que é mais personalizada, que é nosso rosto. Mas temos partes que são impessoais. O corpo de Deus é como se fosse todo ele uma face: tudo está personalizado. O ser humano não. Nós temos uma hierarquia do mais pessoal para o mais impessoal. Se você quer conhecer uma pessoa e alguém lhe mostra um retrato do dedão do pé, você conhece a pessoa? Não, mas se vir o rosto, você viu alguma coisa. Em Deus não existe isso, tudo nEle é pessoal porque não há alteridade. Este foi o grande presente que nós recebemos de Deus: o fato de

podermos ser forças criadoras. Mas nem a isso somos obrigados; nós podemos recuar e nos tornarmos alguma outra coisa.

Nós podemos nos tornar outra coisa, ou seja, podemos nos rebaixar de tal maneira, enquanto nos apegamos a esses ídolos da nossa personalidade e do mundo externo; podemos chegar a nos tornar escravos não só de figuras que nós mesmos criamos, mas de figuras que enxergamos nos outros. Eu estava assistindo agora mesmo ao filme *The Inner Circle (O Círculo do Poder)*, que é a história de um sujeito que era projetista de cinema e passava os filmes para Stalin. Ele adorava tanto Stalin e as pessoas do *inner circle* que em determinado momento o Beria toma a mulher dele, transforma-a em amante, e ela some por dois anos, e o cara fica lá sofrendo e não faz nada. Mas ainda assim continua dizendo: “Ah, camarada Stalin! Camarada Stalin!”, o tempo todo com aquela idolatria perfeitamente idiota. E não foi um, foi um país inteiro que caiu nisso. O fato de as pessoas enxergarem qualidades, por exemplo, no Lula, não é um problema político, é um problema de atrofia no “eu”. Você não é capaz de perceber que ele não tem qualidade nenhuma? A única qualidade dele é ser um alpinista social efetivo, sem dúvida. Mas é só isso que ele sabe fazer. Lula, Dilma, Marina, essa gente toda. O repertório dos políticos que temos à nossa disposição reflete as possibilidades humanas que estão à disposição do povo. Em um país em que nem mesmo a cultura superior tem traços de espiritualidade, como você vai encontrar isso no povão? Ninguém nem os avisou que isso existe, então estão vivendo lá nas suas paixõezinhas, no culto de seus idolinhos. Pode ser um autor de sambinha, um roqueiro, não vai passar disso aí. Se nós meditarmos isso à luz daquilo que diz o Hugo von Hofmannsthal, que nada está na política de um país que antes não esteja na sua literatura, veremos que nós temos de começar a consertar a literatura primeiro, senão estamos querendo mágica. Aquilo que não está nem mesmo no imaginário das classes mais cultas, como vai estar presente na sociedade? Se quem estudou etc. não faz, como é que você vai querer que os coitadinhos analfabetos façam? Não vai dar.

“Não se confunda, por outro lado, a meditação [0:50] com a confissão religiosa nem com o exame de consciência. Ela é a condição prévia que dá substância espiritual a essas duas atividades e sem a qual se reduzem a uma catalogação mecânica de atos e de pensamentos vergonhosos, sem a menor noção da sua raiz interior bem como da sua função dialética na luta pela auto-realização da consciência.”

Quando você começa com a meditação, vê que até aquilo que existe de pior em você tem uma função e que pode ser trabalhado no sentido que dizia Santo Agostinho, que as virtudes são feitas da mesma matéria dos vícios. Mas se você não sabe nem quais são os vícios, como vai trabalhá-los? Não existe mais essa auto-elaboração interior, essa auto-criação interior. Existem apenas um modelo de conduta que estou vendo e que me dizem ser o certo, e a lista das minhas condutas reais; e eu vejo que não bate uma coisa com a outra. “Dizem que não é para fazer isso e eu fiz”. Mas de que adianta isso? É claro que a Confissão Sacramental adianta do mesmo jeito, é essa a ironia do negócio. Você pode ter feito a Confissão toda errada, na medida da sua compreensão, que é baixíssima. Você será perdoado e o perdão vai valer do mesmo jeito, porque você falou uma coisa inexistente, o padre entendeu outra coisa inexistente, mas na hora em que ele pronuncia a absolvição não é ele quem o está fazendo, é Deus. Porque é o contrato que ele tem com Deus: “aquilo que você absolver na terra estará absolvido no céu”. Deus ficou horrorizado com essa confissão: “Eles só falaram besteira o tempo todo, mas ele absolveu; Eu prometi que absolvo, está feito”. Não se trata do problema religioso da sua absolvição, mas do problema de quem você efetivamente é. Você pode ser absolvido de todos os pecados que confessou, mas será absolvido da sua indiferença e da sua indolência espiritual? Você nunca confessou isso, porque não sabe que tem. Você diz: “Eu comi a mulher do vizinho”. Está absolvido. “Eu matei fulano”. Está absolvido. “Eu pertenci ao Mensalão”. Está absolvido. Mas chega lá no dia e Deus diz: “Você não pensou em mim um

único minuto”. Então você vai para aquele primeiro círculo do inferno, que é das pessoas mornas, que não fedem nem cheiram. Você já está lá. Será absolvido de todos os pecados confessados, mas não dos não confessados. E não vai dizer que ignora que está cometendo esse pecado, porque esse sentimento permanente de culpa e mal-estar que tem em você é aquilo de que está sendo acusado. Não é de comer a mulher do vizinho. Não é de ter recebido dinheiro do Mensalão. Não é de traficar cocaína. É de ser espiritualmente indiferente. Esse pecado, se continuar nele muito tempo, é o que se chama pecado contra o Espírito Santo. Ou seja: “não quero nem saber; quero viver aqui como um bichinho, e não quero me preocupar com a minha verdadeira constituição, com meu destino eterno, com nada disso.”

“Talvez o maior dos pecados, o verdadeiro crime contra o Espírito Santo, resida em permitir que as faculdades pensantes se desgarnem do centro meditativo e criativo, adquiram autonomia e se afirmem até como supremos caracteres distintivos do ser humano.”

É o que aconteceu com as emoções. Esses biólogos estão fazendo isso. Transformando as emoções na coisa humana por excelência, tanto que se você descobre que o bicho tem emoção, você diz: “eles são humanos também, porque eles sentem emoções como nós”.

“Quanto mais essas faculdades se aprimoram, mais forte é a tendência de alienar a elas um poder e um prestígio que, de direito, pertencem tão somente ao “eu” propriamente dito.”

Você recebe todas essas faculdades na hereditariedade, ou no ensino, e elas não são você. Você é o uso que faz delas.

“Pior ainda quando, consagradas em códigos formais mais ou menos uniformes e impessoais, se impõem desde fora ao indivíduo, corrompendo-o até à medula e premiando sua alienação com o aplauso acolhedor de alguma comunidade intelectual ou acadêmica.”

Esse é o problema do Júlio Lemos, Chico Razzo etc. Há um conjunto de faculdades intelectuais, que são colocadas aí como se fossem o suprasumo do ser humano, e você acha que aquilo é realmente o ser humano, e cultua aquilo. Como fazem isso fora da consciência do “eu” criador, evidentemente só fazem besteira. Há aí aquela mistura indigesta de alta inteligência verbal e lógica, aliada a uma falta de discernimento das situações humanas, que é patética. Isso não é incomum entre pessoas que no século XX foram consideradas gênios, sobretudo gênios na ciência e mesmo nas artes. Picasso, por exemplo: sua imaginação espacial, pictórica, é incrível mesmo. Mas era, moralmente falando, um sujeito tapado, incapaz de distinguir o certo do errado. E nós pegamos essas pessoas como modelos, mas elas não são pessoas, são pedaços de pessoas. Aquelas qualidades de Picasso, se inseridas em uma pessoa mais completa, que tivesse um centro, seriam maravilhosas; fora disso não, são apenas penduricalhos, são apenas enfeites.

“Quanto mais se apoia nesses códigos, acreditando com isso provar a força do seu intelecto, mais o cidadão sacrifica sua progenitura por um prato de lentilhas, tornando-se uma personificação viva da “ciência sem consciência”. Nada exemplifica isso com mais clareza do que a redução da filosofia à análise lógica da linguagem, que ainda hoje, sob formas mais diversificadas ou camufladas, fascina estudantes imaturos ávidos de aprovação acadêmica”.

O que é o raciocínio lógico? É só uma dessas muitas faculdades. Ele não é o suprasumo. Se o raciocínio lógico fosse tão suprasumo, ele não poderia ser imitado por um computador. Não é nem por um bicho vivo, é por um treco elétrico que você montou.

“Esses estudantes mostram, muitas vezes, ter uma ou várias habilidades intelectuais desenvolvidas até níveis excepcionais. Só lhes falta o eu autoconsciente que as ata uma às outras e as sintetiza na forma de uma ‘personalidade’ (...)”

O que é a personalidade? Não é uma figura. Não são esses traços que você identifica; por exemplo: que fulano é preguiçoso, ou é esforçado, ou é corajoso. Tudo isso são qualidades temporárias. A personalidade é o conjunto vivente da máquina toda em movimento: um “eu” central criando novas possibilidades e agindo. É por isso que, de certo modo, o indivíduo que está humanamente realizado nesse sentido é indescritível. Ele tem um fundo misterioso que você não consegue pegar. Se você quiser descrever como foi o Louis Lavelle, ou como foi o Eric Voegelin, você não consegue. Você diz uma e outra coisa dele, mas fica o fundo misterioso, porque você não apreende a liberdade dele, que é só dele, e que é ele realmente. Quem é ele? Não é isto ou aquilo, mas o cara que fez tudo isso, e continua fazendo até morrer.

“(...) sem a qual toda presunção de responsabilidade intelectual não passa da obediência a um código externo, isto é, de um arremedo teatral. Ao lado e em contraste com a mera homogeneização ideológica, que de certo modo é menos grave, essa patologia afeta atualmente uma boa parte dos estudantes de filosofia e ciências humanas no Brasil, especialmente os da dita ‘direita’ (...)”

O sujeito escapa daquela verborrêia marxista e vai cair em um segundo escalão, que é a herança positivista, ou vai ser da escola analítica, e assim por diante. Negam a sua raiz positivista, mas isso pouco interesse: historicamente assim começou e pronto e acabou. A tara inicial ainda está lá até hoje, de uma maneira ou de outra.

“(...) augurando para as décadas vindouras, quando a intoxicação marxista passar, a sua troca por uma forma de alienação ainda mais esterilizante e difícil de curar.”

Você não pode esquecer que hoje em dia todo esse negócio de Nova Ordem Mundial, de transumanismo, de consciência coletiva cibernética etc., nada disso vem do marxismo; tudo vem dessa outra tradição.

“Sinais de uma interioridade autêntica são praticamente ausentes nos debates públicos e na produção acadêmica deste País, que, sob esse aspecto, assim como sob tantos outros, já viveu dias melhores.”

O Brasil nunca foi muito bom em matéria de espiritualidade, mas você já tinha sinais disso aí: apareciam aqui ou ali, às vezes na literatura ou na filosofia. Mas quando aparecia realmente um portador da espiritualidade [1:00] vivente, como Mário Ferreira dos Santos, ele se tornava invisível. Ele é inapreensível, é incompreensível, e não sabemos o que fazer com ele. Você tem de reduzi-lo a alguma coisa como na história dos cegos com o elefante: é isto, é aquilo, é aquilo outro. É tudo chute, evidentemente. Você só pode apreender um filósofo no instante onde você pega o esquema inteiro do que ele está fazendo e consegue participar da inspiração criadora que está no centro e no fundo de tudo isso. Por exemplo: você está aprendendo Aristóteles? Como você aprende Aristóteles? Você aprende prolongando Aristóteles, ou seja, você absorveu aquilo de tal maneira, absorveu não somente as formas externas, a doutrina etc., mas algo da inspiração, então você continua filosofando aristotelicamente. É assim que se entende um filósofo, e não há outra maneira de entender.

Aluno: É a compreensão do “eu” como força criadora que permite que as pessoas possam desenvolver amor umas pelas outras?

Olavo: Aí você tem dois patamares diferentes de amor. Amor é uma tendência natural que existe até entre os animais e que também compartilhamos. A afeição, o desejo de estar perto de outra pessoa, de desfrutar da companhia dela o máximo que possa, quer que ela esteja com você o maior tempo possível; também isso pode se intensificar e se transformar numa paixão sexual e assim por diante. Tudo isso é natural. Acontece que aí o que você está amando propriamente? Note, quando eu disse no começo que o “eu” não forma nem figura, mas é um centro criador de forma e figura, por incrível que pareça é mais fácil perceber isso nos outros do que em você mesmo. O que é conhecer uma pessoa? Você sabe que quando você fala de uma pessoa, tudo o que você diz dela é a respeito de qualidades dela, ou de hábitos dela ou de aspectos dela, e não dela propriamente dito. Você sabe que a pessoa verdadeira é cognoscível, mas não é representável. Você não pode transformar numa forma e dizer que esta é a pessoa, porque a pessoa é uma força criadora que está em liberdade, ela pode ser outra coisa dali a pouco. Sabemos disso intuitivamente. Só que se não aprofundamos a consciência disso, o fato é que estamos amando aspectos da pessoa, às vezes até somente a aparência, ou um hábito da pessoa que nos é conveniente e agradável. É isso que estamos amando. Então você não está amando a pessoa propriamente dita, mas só aspectos dela: coisas reais que estão nela, mas que não são ela. Na medida em que você vai aprofundando a consciência do “eu” como força criadora, o “eu” do outro como força criadora também vai ficando nítido para você, e aí você pega a idéia da eternidade do ser amado. Aí que começa o amor no sentido espiritual efetivamente. Santo Tomás de Aquino definiu o amor como desejo de eternidade do ser amado. Você vai querer eternidade do quê? Dos hábitos delas? Da figura dela? Do corpo dela? Não vai dar. Mas ela como força criadora foi feita para ser eterna. Essa é a direção não qual você deve amar a pessoa. E isso evidentemente você só pode fazer na medida em que você tenha desenvolvido a sua própria consciência de “eu” criador. É a passagem do que seria o amor meramente terreno, mundano, para o amor espiritual, que é um aprofundamento dele — aprofundamento que é a chave que explica todos os outros aspectos do amor.

Aluno: Como devo fazer a investigação das idéias que já tenho?

Olavo: É aquilo que eu me referi algumas vezes: a origem das suas idéias. Isso você tem de fazer uma por uma. Você pega alguma idéia, alguma opinião que lhe seja querida e que tem o costume de repetir ou de até lutar por ela, de argumentar em favor dela, e pergunte: Como que isto veio para a minha cabeça? Qual foi a primeira vez que ouvi falar disso? Qual foi a primeira vez que pensei, se é que pensei e não apenas ouvi ou li? Por exemplo, quando você lê uma coisa, tem uma impressão imediata de concordância com a idéia. Isto não quer dizer que compreendeu a idéia, quer dizer apenas que tem a capacidade de compreendê-la. Pode ter certeza de que todas as idéias que circulam na sua cabeça tem alguma origem. Elas podem ter sido alteradas no caminho, quer dizer, você pode ter dado uma nuance pessoal.

Mas aquele negócio de pensar com os próprios miolos, eu digo: você só pensa com os próprios miolos quando chega em algum ponto que ninguém pensou antes, e você procura, procura, procura a resposta e não acha, e daí você vai ter de procurá-la por si mesmo. Pensar com os próprios miolos é uma coisa que eu acho que começa a acontecer depois dos 50 anos de idade, se chegar a acontecer. Até lá estamos apenas elaborando o material recebido, e nem mesmo elaborando de uma maneira muito criativa, em geral apenas são associações automáticas que fazemos entre uma idéia e outra.

Mas cada idéia tem uma história, e se rastrear, você vai acabar encontrando. Pergunte: quando eu ouvi isso pela primeira vez? Quando isso me apareceu pela primeira vez? E por que senti que era verdadeiro? Note bem: quando perguntar por que, não responda com uma justificação. Por que você achou que tal idéia era verdadeira? A pessoa começa a argumentar a

favor da idéia, mas esse argumento ela está criando agora. Naquele momento, em que pela primeira vez ouviu aquilo, a que você associou de maneira que aquilo lhe parecesse verdadeiro? Não se trata da fundamentação das idéias, mas da sua história.

Aluno: Por onde começo a estudar Aristóteles? Que livros devo ler?

Olavo: O meu próprio livro eu acho que é o livro mais fácil que alguém já escreveu sobre Aristóteles, ali está tudo muito explicadinho. Não conheço outro tão fácil. Porém, você vai ter de pegá-lo e seguir a bibliografia que dei no fim. Não é propriamente uma bibliografia, são apenas sugestões de leitura que coloquei ali, mas já coloquei com esse propósito. Indiquei ali alguns dos melhores livros que as pessoas já escreveram sobre Aristóteles. Às vezes não são livros de introdução (como “introdução a Aristóteles”), às vezes são livros sobre um tema específico mas que está tão bem explicado que serve como introdução, embora estejam tratando de um aspecto específico. Por exemplo, o livro *Dialética e Método em Aristóteles* de Jean-Marie Le Blond é um tema específico, mas ele ajuda muito a entender Aristóteles.

Uma coisa interessante são os ensaios escritos por Éric Weil sobre Aristóteles, que estão numa coletânea de ensaios que tratam de vários assuntos. *Éssais et conférences* (Ensaio e Conferências) de Éric Weil. Tem ali dois ou três estudos sobre Aristóteles que são verdadeiras maravilhas, raramente eu vi alguém entender a filosofia dos outros como Éric Weil entendia. É um grande intérprete. Também não são estudos de conjunto sobre Aristóteles, mas ajudam demais.

Aluno: Como ter uma linguagem autêntica mesmo no meio de histéricos?

Olavo: Este é o problema no Brasil. Primeiro, você tem de se habituar a boa literatura e fazer desses escritores que você leu os seus verdadeiros interlocutores. Ou seja, você não está conversando neste meio social aqui, mas está conversando no círculo literário propriamente dito, você está falando coisas que escritores bons entenderiam. A platéia viva e presente agora só vai entender um pedacinho, mas esse pedacinho que ela vai entender já é mais do que o suficiente para animá-la, mesmo porque a parte que ela não entendeu permanece como mistério e atrativo. Tentar se explicar para uma pessoa que está em pleno uso histérico da linguagem é perda de tempo. Mas se você estiver falando com outro que está entendendo, esta é que acaba entendendo um pouquinho. É um pouco o negócio do desejo mimético: você oferece o osso para o cachorro, ele não quer; daí você oferece para o outro cachorro, o primeiro passa a querer.

É assim: não converse com os histéricos, **[1:10]** converse com pessoas inteligentes; e deixe o histérico ouvir um pedacinho da conversa. Você vai ver que ele vai vir correndo, querendo saber mais. Mesmo que essa pessoa inteligente com que você está falando seja uma pessoa que não existe mais, já morreu, você está tendo um diálogo com Otto Maria Carpeaux, com Álvaro Lins. Explique nesse nível e escreva muito para essa gente, para leitores que já morreram. Tanto que os últimos grandes escritores que existiram no Brasil, que pertenciam já a essa geração (Josué Montello, Antônio Olinto, Herberto Sales), eles adoravam as coisas que eu escrevia porque eu escrevia para aquele círculo. E os outros? Os outros pegavam um pedacinho, mas quando viam que tinham um terceiro que estava entendendo, eles falavam: “Do que eles estão falando? Quero entender também”. Daí o sujeito faz um esforço para entender. Agora, se você tenta falar diretamente com um imbecil, você está se fazendo de imbecil, vai estar rebaixando o nível da sua linguagem. Nunca tente ser didático para um imbecil, nunca. O imbecil só cede à humilhação. E a principal humilhação é, primeiro, não falar com ele — “não estou falando com você, estou falando com aquele lá que está entendendo”.

Quando você fala com quem está entendendo, os outros acabam entendendo alguma coisa e acabam entrando na sintonia. Agora, se você vai falar diretamente com quem não está entendendo nada, é perda de tempo.

Aluno: Este conceito do ego pontífice, ou o ser como essa força criadora e consciência, não seria o que Râmana Maharshi chama de “ego”, ou seja, que não somos a realidade, oposto...?

Olavo: Não. Esse problema do ego é que todo mundo usa a palavra nesse sentido exatamente contrário. Um chama de ego todo esse conjunto de formas a que nós fomos nos apegando, e ele diz: “Precisamos nos livrar do ego”. Mas acontece que esse é um erro terminológico. Imagina que seja Râmana Maharshi, o que ele está dizendo é pura verdade, só que a palavra está errada, isso não é ego! Deus se chama a si mesmo ego — presta atenção. Se ego fosse uma coisa ruim, uma forma escravizadora, Deus não diria “Eu sou o Eu-sou”, Ele diria outra coisa. Não existe palavra mais nobre do que ego. *Ego sum Ego-sum*. Esta é a mais alta das palavras, isso é o que Deus é. Agora, por uma convenção que vem provavelmente de traduções ruins de outras línguas, inclusive do sânscrito, esse pessoal que vem com uma carga de doutrinas orientais, seja hinduísta, seja budista, seja taoísta ou qualquer coisa, diz que precisa destruir o ego. Mas o que eles estão chamando de ego não é o ego, não pode ser o ego, isso são formas a que se apegaram. O ego não tem forma, como você vai destruí-lo?

Outro entende como ego, o ego carnal, da parte carnal: os pensamentos da carne e do sangue. Mas isto não pode ser o ego, porque a carne e o sangue mudam. E se isso fosse a carne e o sangue, Deus não diria “*Ego sum Ego-sum*”. É um erro terminológico terrível, mas é só um erro de palavra. O que Râmana Maharshi está explicando, está tudo certo, só que com as palavras erradas. Se você quer saber, perguntei isso diretamente para Swami Satyananda Saraswati, e ele disse se fala assim porque está mais ou menos convencionado, mas é claro que não é esse ego que se está falando que temos de destruir.

Não se esquecem que tem o curso sobre a crise da inteligência segundo Roger Scruton, de 24 a 29 novembro. É um comentário sobre alguns textos dele. Vamos pegar a pista que ele abre e vamos aprofundar aquilo e, acredito eu, ir um porquinho além do que ele foi, e que nos ajudará muito a entender a situação da crise da cultura em todo o mundo ocidental, e especialmente vamos aplicar isso ao Brasil.

Transcrição: Filipe Catapan, Caio Garcia Jardim Jorge e Jussara Reis de Abreu
Revisão: Éricson Rojahn